

# B L I T Z

## Cranberries

*dolores e seus rapazes*

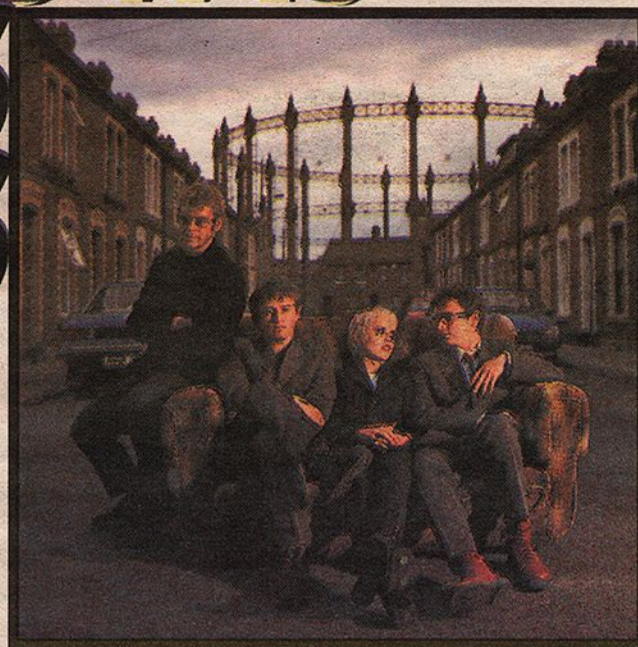


encontro de gerações  
xutos & B braindead

**HENRY ROLLINS** só conversa

**BELLY . THROWING MUSES . THE JON SPENCER BLUES EXPLOSION**

# A HONESTIDADE DAS UVAS DOS MONTES



## the cranberries

Os Cranberries são, inegavelmente, uma das bandas mais consensuais que a cena pop britânica viu surgir nos últimos anos. Como exemplo, basta referir que deles já se disse serem a banda mais espectacularmente vulnerável desde os Smiths. Se nos lembrarmos da vocalista Dolores O'Riordan (que, para nosso desgosto, não se presta a dar entrevistas) e do produtor Stephen Street, talvez a coisa se clarifique. Chegados há cerca de dois anos ao mercado discográfico com o debutante «Everybody Else Is Doing It, So Why Can't We?», os irlandeses editaram durante o ano passado uma das obras mais bem recebidas destes anos 90 pelo mundo melómano, Portugal incluído (onde se encontram num surpreendente segundo lugar do Top da AFP, a somar à entrada do primeiro álbum, esta semana, para a 20ª posição). Agora que se preparam para correr a Europa para a apresentação de «No Need To Argue» (uma digressão que não inclui Portugal como escala mas que vai passar por Madrid no próximo dia 2), falaram ao BLITZ, com a maior humildade, sobre a sua história até ao momento e aquela que os espera e à música pop de linhagem britânica. Tudo na voz do baterista, Feargal Lawlor.

O que é que achas que mudou na vossa música e em vocês próprios do primeiro para o segundo álbum?

Basicamente, o que aconteceu foi um hiato de dois anos entre os dois discos. Crescemos muito, andámos muito em digressão. Muitas das canções do segundo álbum foram escritas quando andávamos na estrada. Portanto, falamos das coisas diferentes que vimos. Acho que o segundo álbum é mais maduro, é um passo em frente.

Muito mais global, menos sectário...

É isso, à medida que viajas vêes a maneira como outras pessoas vivem em países diferentes. Abres a tua mente, é uma espécie de re-educação.

Alguna vez pensaram atingir o sucesso de que desfrutam agora?

Não, quando começámos como banda era apenas um hobby. Ensaivámos duas ou três vezes por semana, escrevíamos canções e assim... Depois, começámos por pegar numas gravações e enviar para as editoras. No espaço de um ano, conquistámos o interesse de editoras.

Foi uma surpresa...

Sim, pensámos que tudo se iria passar gradualmente. Pensámos passar três ou quatro anos, três ou quatro álbuns antes de sermos bem conhecidos, sabes?

E em relação a este sucesso, se não é devido a uma atitude do tipo «mais uma banda liderada por uma mulher», o que é que consideras mais apelativo nos Cranberries?

Acho que é, sobretudo, a honestidade. As letras e as canções podem relacionar-se com muita coisa porque partem de coisas que, diariamente, acontecem às pessoas. Somos verdadeiramente apaixonados pela nossa música e não existe uma atitude «rock star». Somos apenas quatro pessoas que tocam música e se divertem com isso.

Esse é o segredo para as pessoas os quererem conhecer?

Sim, somos uma coisa diferente. As pessoas estão habituadas a pessoas em bandas que andam emproadas e se desperdiçam a todo o momento. Depois, acabam por já não escrever canções por



serem demasiado velhas para tocar. É diferente ver pessoas como todas as outras a tocar música.

É difícil para uma banda irlandesa conseguir vencer na cena musical britânica sem ser uma banda «new mod» ou revivalista do punk?

Muitas dessas bandas são inventadas pelas revistas e jornais no Reino Unido. Não todas, mas muitas delas. Encontram uma nova banda e chamam-lhe a «next big thing» mesmo antes de terem um álbum editado. Já são capa de jornais e revistas... É injusto, porque não dão uma oportunidade à banda. Há muitos grupos, nestes últimos dois anos, a quem eu vi isso acontecer. Tenho a certeza que também já viste isso... Uma banda que agora está na capa, um ano depois está completamente esquecida. É muito injusto para as bandas.

E para vocês, foi fácil?

Sim, nós ignorámos isso tudo. O facto de vivermos longe afastou-nos da cena musical. Nunca aparecemos em filmes ou festas ou coisas desse género... estávamos longe do protagonismo. Tivemos mi-

ta sorte dessa forma, porque nos mantivemos de fora a fazer a nossa coisa.

E a cena musical britânica recebe bem as bandas irlandesas?

As pessoas em si são porreiras, os fãs no Reino Unido são óptimos... Mas há pessoas na imprensa que dão a toda a imprensa um péssimo nome. Alguns jornais e revistas são bons, mas anda toda a gente no mesmo jogo.

Como é que sentem a situação política e terrorista na Irlanda? Como é que isso vos afecta como banda, sobretudo às vossas letras e músicas?

Nós não escrevemos especialmente sobre isso. O «Zombie» não é uma canção política, consiste num incidente que aconteceu. A canção fala na morte de uma criança e na maneira como as crianças e as pessoas são afectadas pela guerra no mundo inteiro. É assim. Quando se fala de cessar-fogo, somos optimistas, achamos que vai haver paz durante muito tempo. É difícil saber quando acaba. Temos andado muito por fora, não sabemos muito bem o que vemos. Lemos os jornais e vemos as notícias... Recebo as notícias em segunda mão, percebes o que ou quero dizer?

Claro. Dadas as diferenças entre vocês e as bandas inglesas da moda, será, de facto, a honestidade de que falavas o grande segredo do vosso sucesso?

Sim, nós fazemos o que sempre fizemos. Continuamos a ensaiar e a escrever novas canções constantemente. Temos seis ou sete canções novas e diferentes peças... Entramos em sound-check e ensaiamos cerca de quinze minutos por dia, quando damos concertos. É chato porque não temos tempo para construir coisas novas em digressão.

Falavas há pouco da imprensa musical mas, de facto, os Cranberries aparecem constantemente nas páginas do «Melody Maker» ou do «NME». Como é que se sentem com isso?

É bom, sabes? Não temos sempre boas críticas, temos boas e más. Isso é bom porque se torna mais credível para mim. Se tens boas críticas o tempo todo, é mau sinal. As pessoas parecem ser justas conosco. Não nos tornam «hype», o que é muito bom. Eu gosto de dar entrevistas não por ser trabalho, mas porque é daquelas coisas em que só se fala da banda e de música. Isso é um dos meus grandes interesses na vida, não me importo de falar durante horas... Sessões de fotografia não faço, são muito chatas.

O que é que pensas de outras bandas lideradas por mulheres, como os Sleeper, Elastica, Pale Saints, Lush e outras?

Nunca ouvi muita coisa... Ouvi umas coisinhas, uns bocadinhos na MTV e assim... O que quer que seja que eles queiram fazer, não me diz respeito.

Não sentem nada em comum com eles?

Não, só por terem uma cantora mulher, não tem nada a ver. Só agora é que já vai havendo bandas lideradas por mulheres, nestes últimos anos. Antes, quando começámos, diziam que éramos como

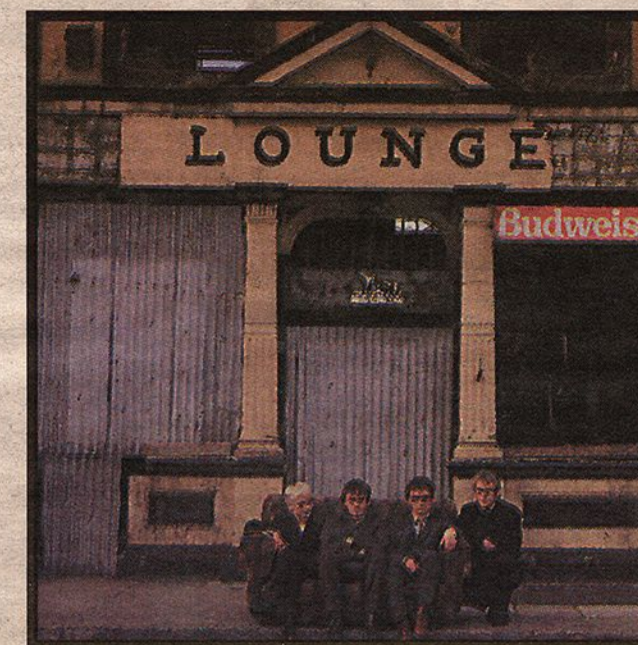


os 10.000 Maniacs ou os Sundays porque eram os únicos grupos com mulheres. Se tivéssemos um homem a cantar, diriam que éramos como os U2, sabes? É o costume, quando uma banda aparece, as pessoas vão compará-la a alguma outra. Não faz mal...

Quais são as principais influências na vossa música?

Todos nós ouvimos coisas diferentes. Acho que as bandas que temos em comum são as que têm boas canções como os Smiths, os Beatles ou talvez os Waterboys e os R.E.M.. Todos fazemos coisas diferentes, portanto, as influências são também dispareas.

Como é que convencerias as pessoas a descobrirem o que são, de facto, os Cranberries para além de «Linger» e «Zombie»?



Não sei bem o que dizer, tenho que dizer que oçam e nos dêem uma oportunidade. Há CDs que tu ouves e gostas deles à primeira. Há outros que te levam mais dias, mais tempo. Esse é mais o nosso género.

Como é o vosso processo de criação musical? É vossa intenção dar o maior espaço que podem à voz de Dolores ou será a guitarra, o baixo e a bateria tão importantes quanto a sua voz?

Importante é a canção, toda a canção. Quando escreves canções, não sabes se vai haver um pouco de guitarra ou a voz da Dolores. Ela é quem escreve as canções. Por vezes, vai para casa ou para o quarto de hotel, onde haja uma guitarra, e se escreve uma canção, cola-lhe uma letra. Vai para o ensaio, começa a tocar e nós juntamo-nos e captamos o «feeling» da canção. É o mesmo que acontece com a guitarra, compõe-se e leva-se para o ensaio. Depois, gravamos e damos a gravação à Dolores para ela estudar uma letra.

Então não existe uma preocupação específica com a voz...

É difícil analisar a escrita de canções porque não é uma coisa consciente. É algo que acontece e nós percebemos se aquilo está a resultar ou não. Se aquilo está a acontecer, olhamos uns para os outros e sorrimos. Se não, sabemos que não é aquilo que queremos. E pomos de lado. O que acontece é que é tudo muito subconsciente. Gostamos da mesma coisa quando toca a canções dos Cranberries. Sabemos o que soa bem e o que é fraco.

Porque é que não têm agendado um concerto em Portugal nesta digressão europeia?

Não sei, propriamente. Sei que vamos ao primeiro lugar para Espanha e fiquei surpreendido por não irmos a Portugal. Temos um calendário muito ocupado, ainda não parámos desde Outubro e só acabamos em Agosto.

Como é que são os Cranberries ao vivo?

Dizem que é muito mais poderoso do que em disco. No disco podem pôr muito mais coisas. Ao vivo, são só os quatro instrumentos. Logo, tem que ser uma coisa muito mais poderosa. Tem um efeito diferente em nós.

Porque é que cancelaram algumas datas na Grã-Bretanha?

Isso foi por alturas do Natal. Quando acabámos a digressão nos Estados Unidos, a perna da Dolores começou a dar-lhe problemas. Ela teve um acidente de ski no ano passado, o que lhe causou um problema de ligamentos no joelho direito. Tivemos que cancelar alguns espectáculos. No meio das gravações de «No Need To Argue», foi preciso tirarmos um mês de folga. Quando foi suposto fa-



zer uma digressão, a perna dela estava feita em bocados, teve que andar de cadeira de rodas. Quando voltámos à estrada, fiz fisioterapia todos os dias. Por altura do Natal, resolvemos tirar um tempo, estávamos sobrecarregados de trabalho. Depois de duas semanas de descanso, estava boa outra vez. Esses nove espectáculos foram adiados para Maio.

Correm rumores que dizem que Dolores pensa numa carreira a solo.

Sim, eu ouvi esse boato.

É verdade?

Não, de todo. As pessoas que escrevem essas coisas devem andar muito aborrecidas para inventá-las. Eu só me rio dessas coisas. Conhecemo-nos tão bem que somos totalmente livres de fazermos o que queremos. Se alguma vez os Cranberries precisarmos de descansar e tomar outros rumos durante algum tempo, está tudo bem. A Dolores já fez coisinhas com outras pessoas, toda a gente é livre para o fazer. Sempre dissémos que os Cranberries seriam a coisa principal, o centro de tudo. Se alguém, em qualquer fase, quiser quebrar por um tempo para encontrar coisas novas, tudo bem.

Mais rumores: o casamento recente de Dolores está a ter qualquer tipo de má influência no grupo?

Não, acho que está a ter uma boa influência. Está feliz como nunca esteve nos últimos tempos. O marido dela é muito porreiro, conhece o meio e tem-nos ajudado muito.

Mudaram de agência...

Sim, para uma muito melhor. Muito bom.

Por fim, como é que vês o futuro da música pop britânica e, em particular, o dos Cranberries?

Eu acho que coisas como o techno e a música electrónica já estão a enjorar as pessoas. As pessoas querem ver bandas verdadeiras. Não podes ir a um clube e ter a mesma sensação que tens quando vês uma banda a pôr cem por cento num concerto e a energia que tiras disso. As pessoas que andam nos clubes tomam drogas para tentar ter uma qualquer espécie de sensação. Para mim, é apenas a minha opinião, não requer muito trabalho. É apenas «tum tum tum», enquanto uma banda a sério que toca música a sério com canções a sério leva-te para longe. Isso não consegues a partir da música electrónica. Acho que as pessoas estão a voltar a isso. Tenho andado por aí há 10, 15 anos, para cima e para baixo por entre coisas diferentes e, ao fim do dia, tenho a sensação de que a música verdadeira é a única coisa que resta.

Essa é a vossa grande arma na guerra da música actual...

(Risos) Arma? Não há nenhuma guerra! Não acho que deva existir uma guerra entre bandas. Há espaço para toda a gente. A música é apenas uma maneira de te divertires e de te afastares de todos os problemas que tens. É entretenimento, descanso.

Mas não pensas que cada grupo quer andar sempre debaixo do holofote?

Não; algumas bandas talvez.

Vocês não?

Não. O sucesso é bom, mas nunca gostei muito da notoriedade.

Pedro Gonçalves